

## ■ DOSSIÊ - RESENHAS

### ■ Mãe de criança com autismo, inclusão e educação infantil: Processos da subjetividade contemporânea

*Mother of a child with autism, inclusion and early childhood education: Processes of contemporary subjectivity*

 Carolina Eckrich Canuto \*

**Resumo:** A presente resenha tem o objetivo de apresentar o livro “Mãe de criança com autismo, inclusão e educação infantil. Processos da subjetividade contemporânea”, publicado, no ano de 2022, pela editora Appris. As autoras Sandra Regina de Oliveira e Cristina Madeira-Coelho, no decorrer das 223 páginas, discorrem sobre processos que envolvem o autismo sob a perspectiva cultural e histórica, orientadas pela Teoria da Subjetividade de González Rey. Do ponto de vista metodológico, as autoras tecem suas análises com base nos construtos da Epistemologia Qualitativa e da Metodologia Construtivo-Interpretativa. Constitui-se como uma leitura que amplia a compreensão sobre o fenômeno do autismo, para além da lógica patologizante e construções generalistas sobre o tema em questão.

**Palavras-chave:** Teoria da Subjetividade. Autismo. Família/mãe. Inclusão. Educação Infantil.

**Abstract:** This review aims to present the book “Mother of children with autism, inclusion and early childhood education. Processes of contemporary subjectivity”, published in 2022 by Appris. The authors Sandra Regina de Oliveira and Cristina Madeira-Coelho, throughout the 223 pages, discuss processes involving autism from a cultural and historical perspective, guided by González Rey’s Theory of Subjectivity. From the methodological point of view, the authors weave their analyzes based on the constructs of Qualitative Epistemology and Constructive-Interpretative Methodology. It constitutes a reading that broadens the understanding of the phenomenon of autism, beyond the pathologizing logic and generalist constructions on the subject in question.

**Keywords:** Theory of Subjectivity. Autism. Family/mother. Inclusion. Child education.

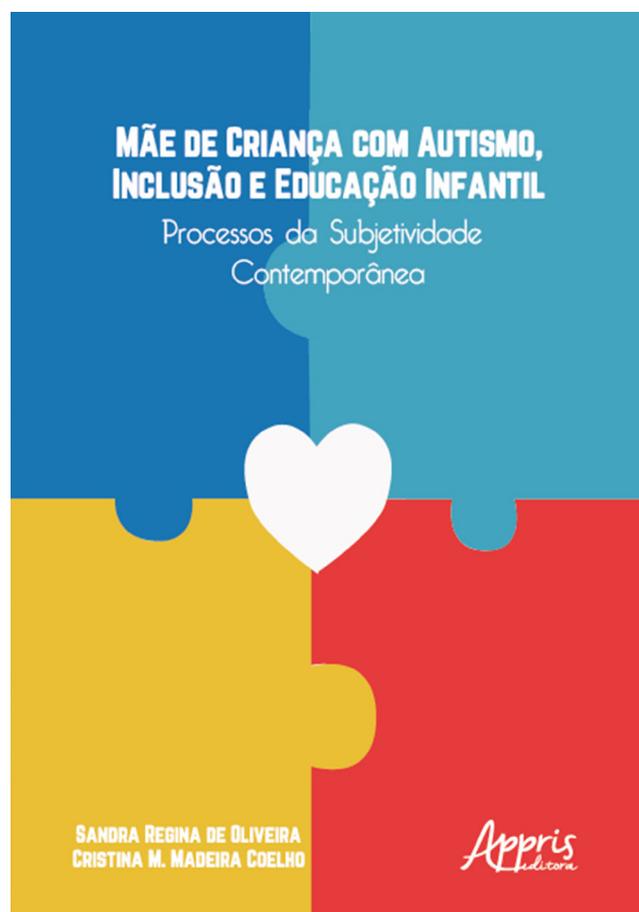
---

\* Carolina Eckrich Canuto é mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Brasília - UnB (2022) com subsídio da CAPES. Possui pós-graduação lato sensu em Educação Inclusiva pelo IDJI FACPED (2017) e graduação em História pela Universidade de Pernambuco (2007). Professora de educação básica da Prefeitura Municipal de Maracanaú. Contato: canutocarolina13@gmail.com

A obra “Mãe de criança com autismo, inclusão e educação infantil. Processos da subjetividade contemporânea” é um convite à reflexão na área de estudos da educação, e em especial, do autismo. As autoras Sandra Regina de Oliveira e Cristina Madeira-Coelho provocam um movimento no leitor, pois recusam paradigmas estabelecidos pela norma patologizante e avançam na busca de compreensão cultural de dimensões do autismo à luz da Teoria da Subjetividade de González Rey.

Assim, a obra considera o autismo para além de um transtorno, foca outros sistemas e dimensões que de forma complexa se articulam na estruturação desse fenômeno. O olhar se volta para a singularidade das experiências produzidas na vivência do diagnóstico de autismo, considerando o contexto cultural e histórico. O livro ultrapassa o espaço da escola, e realça as experiências de mães de crianças com autismo. Evidencia-se, ainda, uma pesquisa de campo intensa, que possibilitou à primeira autora uma imersão emocional, porém extremamente ética e rigorosa, na complexidade do fenômeno analisado, assim como uma robusta produção de informações que permitiu um aprofundamento e desdobramentos das construções.

Figura 1. Capa do livro.



Fonte: Google, 2023.

A obra é estruturada da seguinte forma: prefácio escrito pelo Prof. Dr. Daniel Magalhães Goulart; Introdução; 1) Autismo – Construção Histórica e Cultural do Fenômeno; 2) Autismo – Tradição Biomédica; 3) Autismo – Dimensão Cultural do Fenômeno; 4) Autismo e Deficiência – O Duplo Rótulo; 5) Inclusão da Criança com Diagnóstico de Autismo – Aspectos Legais; 6) Autismo, Escola e Família – Discussões sobre a inter-relação entre o fenômeno do autismo e a maternagem; 7) A Teoria da Subjetividade – Avanço teórico em discussões sobre a inter-relação entre o fenômeno do autismo e a maternagem; 8) Teoria da Subjetividade: Arcabouço Teórico; 9) Autismo para além do diagnóstico; 10) Percorso metodológico; 11) Análise Construtivo-Interpretativa; 12) Estudo de caso 1 – Ágatha; 13) Estudo de caso 2 – Felícia; Palavras finais.

Neste escopo foram considerados relevantes investigar processos maternos, imediatamente após as mães terem recebido a notícia do diagnóstico de Transtorno do Espectro do Autismo de seus filhos, e também a matrícula regular da criança com diagnóstico de autismo na modalidade da educação infantil.

A cuidadosa escolha dos termos utilizados para se referir às crianças com diagnóstico de autismo é um aspecto que marca a abordagem que se segue durante a análise. A exclusão das expressões criança autista ou pessoa autista se dá, pois “(...) podem sugerir a compreensão do autismo como adjetivo qualificante do indivíduo.” (OLIVEIRA; MADEIRA-COELHO, 2022, p.20). Nesta perspectiva, optou-se pelos termos pessoa com autismo, criança com diagnóstico de autismo ou com Transtorno do Espectro do Autismo.

No referencial teórico emerge uma profícua discussão e posicionamentos sustentados pelos conceitos desenvolvidos por González Rey na Teoria da Subjetividade. Alicerçadas em tais conceitos, as autoras constroem uma análise cultural e histórica do autismo, que transcende a crítica às tendências hegemônicas biomédicas, e assumem assim, uma postura propositiva e compromissada em ampliar a perspectiva de estudos sobre a temática.

A abertura do estudo acontece pelo tópico “Autismo – Construção Histórica e Cultural do Fenômeno”, que aponta para discussões que ultrapassam o campo clínico e dedicam-se às representações sociais e construções discursivas. Os estudos pesquisados apresentam contribuições e inserem visibilidade ao tema por via de uma perspectiva que não se esgota no diagnóstico.

O segundo tópico “Autismo - Tradição Biomédica”, abrange o desenvolvimento histórico dos estudos e concepções acerca do Transtorno do Espectro do Autismo (TEA). Um longo percurso foi traçado desde a primeira referência, em 1943, ao que hoje conhecemos como TEA, permeado pela lógica biomédica. As autoras destacam os saltos paradigmáticos

na compreensão e conceituação do autismo, que culminam com a sua retirada do campo das psicoses para compor os Transtornos Globais do Desenvolvimento e mais adiante o autismo é classificado como TEA. Porém, a centralidade no poder biomédico ainda compromete a construção de visibilidade e, neste aspecto, o posicionamento da obra se aporta em González Rey (2012) e Orrú (2016) para buscar uma compreensão cultural de dimensões do autismo.

Para tanto, deslocar o fenômeno da cultura que o produz é conceber uma visão reducionista acerca do autismo. O diálogo com Illich (1975) e seu conceito de latrogênese aprofunda a crítica ao impacto, causado pela posição de autoridade do discurso médico, nas construções sociais e culturais, cujo conceito foi discutido e retomado nos estudos de caso da obra aqui analisada.

No quarto tópico, “Autismo e Deficiência – O Duplo Rótulo”, o texto segue expondo uma ambiguidade que diz respeito em incluir o autismo na categoria deficiência. Fato que aponta vantagens de ordem prática e legais, porém reforça a ótica patologizante na compreensão do fenômeno pela escola e sociedade. Nesta perspectiva, o quinto tópico “Inclusão da Criança com Diagnóstico de Autismo – Aspectos Legais” tece uma análise sobre os avanços legais, suas aplicabilidades e como estes marcos reverberam na escola e na sociedade.

O ambiente familiar é compreendido, na perspectiva da Teoria da Subjetividade, como espaço privilegiado constituinte de produções subjetivas das pessoas que nele estão inseridas, e ao mesmo tempo constituído por sentidos subjetivos e configurações subjetivas emergentes dos diversos indivíduos que atuam nesse local (MITJÁNS MARTÍNEZ; GONZÁLEZ REY, 2017). Este é o prisma que orienta o tópico “Autismo, Escola e Família – Discussões sobre inclusão” e nesta compreensão a família é um microuniverso composto por pessoas diversas que participam do processo de socialização da criança.

Neste contexto foi importante visibilizar o modo como a mãe lida com as experiências emocionais geradas nessas relações. A escola se apresenta como espaço de convergência quando a criança com diagnóstico de autismo se insere neste ambiente escolar organizado primordialmente por uma lógica patologizante do autismo.

Nesta conjuntura social são reproduzidas ideias baseadas no conceito que deficiência é incapacidade, o que impede que a inclusão escolar aconteça de forma plena. O diálogo entre escola e família, assim como a troca de experiências, contribui para o desenvolvimento de ações pedagógicas efetivas para a inclusão escolar das crianças com autismo. “Portanto, a inclusão educacional da criança com diagnóstico de autismo não é apenas do aluno, mas também da sua família, às vezes, representada apenas pela figura materna” (OLIVEIRA; MADEIRA-COELHO, 2022, p. 49).

No tópico seguinte, “Autismo e maternagem – Dimensão cultural” entende-se a maternagem como uma construção social. Para tanto, a relação que se estabelece entre mãe-criança é construída e representada de acordo com variados contextos, sociais e históricos (BADINTER, 2012). Portanto, o ideal da maternagem, que atende a determinado modelo social, é variável.

A compreensão da mãe como modelo de sacrifício e abnegação tem origem na configuração social pós-Segunda Guerra. Nessa perspectiva, é possível construir inteligibilidades sobre como a sociedade compreende o papel das mães de filhos com autismo. Destaca-se um movimento de culpabilização das mães alimentado pelos estudos de Kanner em 1949. Nestas pesquisas, refutadas pelo próprio Kanner anos mais tarde, o foco consiste na responsabilização das mães pelo diagnóstico de autismo de seus filhos, julgadas por maternarem inapropriadamente, e conseqüentemente causarem frustrações emocionais nas crianças era aceita e disseminada entre os estudiosos e sociedade da época. Embora seja uma visão superada, permanece simbolicamente enraizada na construção social da maternagem de uma criança com autismo, assim como outras visões que também se inserem nestas representações. Dessa forma, Silva (2010) aponta que a experiência da maternagem da mãe de filhos com autismo é repleta por sentimentos de ruptura, dependência, culpa e desenvolvimento pessoal. Por outro lado, Grinker (2010) afirma que existem singularidades nestas vivências de acordo com o contexto cultural em que as pessoas se encontram inseridas, perspectiva que se alinha à compreensão da Teoria da Subjetividade, que entende as experiências como processos singulares.

Pelas lentes da Teoria da Subjetividade as autoras buscaram compreensão sobre as experiências vividas pelas duas mães participantes da pesquisa no decorrer de suas vidas. Foram consideradas as relações desenvolvidas nos diversos contextos sociais, como processos dinâmicos favorecedores de geração de fluxos de produções simbólico-emocionais, que emergem em cada tempo histórico, configurados subjetivamente de formas variadas compostas de crenças e representações produzidas pela cultura constituinte da subjetividade social dos diversos espaços relacionais de atuação.

A construção de vínculos afetivos entre pesquisadora e participantes da pesquisa ocupou um papel primordial na construção desse estudo. Tal preceito é considerado valioso em uma pesquisa a partir da Epistemologia Qualitativa e da Metodologia Construtiva-Interpretativa de González Rey. No livro são apresentados dois estudos de caso referentes a duas mães, Ágatha e Felícia, de crianças diagnosticadas com autismo, entre três e cinco anos, matriculadas em escolas regulares de Educação Infantil.

Logo, conforme os casos investigados, o diagnóstico de autismo não se apresenta como única origem de mobilização emocional dessas mães. Fatores diversos, porém igualmente importantes, participam dessa organização configuracional frente à experiência de mater-nar um filho com autismo. Dessa forma, a constituição das configurações subjetivas da mãe diante do diagnós-tico de autismo de seu filho é uma organização fluída e dinâmica, onde convergem diferentes sentidos sub-jetivos gerados em espaços variados e em momentos históricos distintos da vida dessa mulher.

Assim, observa-se que produções simbólico-emocionais provenientes de valores culturais e crenças produzidas na subjetividade social dos espaços em que a mãe está inserida são subjetivadas de modo único, atribuindo caráter singular às experiências vi-vidas por cada mãe.

A inclusão escolar se apresenta como aspecto

importante nessa trama subjetiva que constitui a mãe de uma criança com diagnóstico de autismo. Ao longo da construção interpretativa é desenvolvida uma análise a cerca da participação da família nas bases relacionadas às mudanças subjetivas sociais, aspecto fundamental para a efetivação do processo de inclusão no contexto escolar.

Dessarte, a contribuição do livro de Sandra Regina de Oliveira e Cristina Madeira-Coelho se estende para além da área da educação, pois apresenta novas zonas de compreensão sobre a experiência emocional da mãe de crianças com autismo. As autoras propõem uma pers-pectiva de análise que não se encerra no diagnóstico e descarta generalizações, e ao invés disso consideram a construção do alinhamento da família (mãe) e escola, em sua implicação subjetiva, que perpassa de forma in-separável a qualidade das relações que se constituem nestes espaços, evidenciando a singularidade dos ato-res envolvidos nesta dinâmica. ■

## Referências

- BADINTER, E. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
- BIZERRIL, J. O lugar da diferença religiosa nas subjetividades sociais brasileiras e suas implicações para a saúde. In: GONZÁLEZ REY, F.; BIZERRIL, J. **Saúde, cultura e subjetividade: uma referência interdisciplinar**. Brasília, DF: UniCeub, 2015, p. 35-58.
- GONZALEZ REY, F. L. **O social na psicologia e a psicologia social: a emergência do sujeito**. Petrópolis: Vozes, 2012.
- GOULART, D. M.; GONZÁLEZ REY, F. L. Subjetividade, sujeito e saúde mental: um estudo de caso para além da lógica da patologia. In: CAMPOLINA, L. O.; MORI, D. V. (Org.). **Diálogos da teoria da subjetividade: reflexões e pesquisa**. Curitiba: Editora CRV, 2017, p. 15-45.
- GRINKER, R. R. **Autismo: um mundo obscuro e conturbado**. São Paulo: Larrousse do Brasil, 2010.
- ILLICH, I. **A Expropriação da saúde: nêmesis da Medicina**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.
- MITJÁNS MARTÍNEZ, A.; GONZÁLEZ REY, F. L. **Psicologia, educação e aprendizagem escolar: avançado na contri-buição da leitura cultural-histórica**. São Paulo: Cortez, 2017.
- OLIVEIRA; MADEIRA-COELHO. **Mãe de criança com autismo, inclusão e educação infantil**. Processos da subjetivi-dade contemporânea. Curitiba: Appris, 2022.
- ORRÚ, S. E. **Aprendizagens com autismo: aprendizagens por eixos de interesse em espaços excludentes**. Petrópolis: Vozes, 2016.
- SILVA, M. S. da. **Construção de significados da maternidade por mães de autistas**. 154 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia do Desenvolvimento) - Instituto de Psicologia, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010. Disponível em: [https://pospsi.ufba.br/sites/pospsi.ufba.br/files/marcio\\_santana.pdf](https://pospsi.ufba.br/sites/pospsi.ufba.br/files/marcio_santana.pdf). Acesso: 28 mar. 2023.